

CORPOREIDADE, CIDADE E REDES SOCIAIS VIRTUAIS

¹ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência. R. Pedro Zaccaria, 1300, Jardim São Paulo, 13484-350. Limeira, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: E. MARANDOLA JR. E-mail: <eduardo.marandola@fca.unicamp.br>

Eduardo Marandola Jr.¹
ORCID iD: [0000-0001-7209-7735](https://orcid.org/0000-0001-7209-7735)

Antonio Bernardes²
ORCID iD: [0000-0002-4996-7031](https://orcid.org/0000-0002-4996-7031)

Fernanda Cristina de Paula³
ORCID iD: [0000-0003-1066-7901](https://orcid.org/0000-0003-1066-7901)

² Universidade de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, Departamento de Geografia e Políticas Públicas. Angra dos Reis, RJ, Brasil.

³ Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território. Governador Valadares, MG, Brasil.

A preocupação com a corporeidade é uma forte demanda nos debates contemporâneos, em especial no contexto de estudos de gênero, de sexualidade, de raça e das políticas de identidade. Nesses campos, "corporificar" implica reconhecer a diferença e a posicionalidade dos sujeitos e seus conhecimentos (Haraway, 1995).

A corporeidade, como expressão de formas de existência e alteridade, contribui para o reconhecimento da diversidade e para combater ditames epistemológicos e formas enviesadas de construção da racionalidade europeia-ocidental, que arvorou para si uma posição neutra e "desencarnada", a qual opera como disfarce de sua corporeidade implícita: masculina, branca e heterossexual. Nesse sentido, o aceno à corporeidade é, também, uma estratégia de descolonização e de combate às geopolíticas do conhecimento (Dussel, 1977).

A corporeidade assume, assim, um sentido político, que não exclui suas dimensões epistemológicas, ontológicas e éticas. Cuidadosamente excluída, junto com a Terra, das regiões mais nobres do conhecimento metafísico ao longo da história da Filosofia e da Ciência, recebe um resgate decisivo pela fenomenologia existencial, marcadamente em Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir (Murphy, 2006), que produziram, a partir dos anos 1940, um importante movimento que "encarnou" o cogito na corporeidade.

Esse acento implicou repensar os temas tratados pelas Ciências Humanas e Sociais sob a perspectiva da corporeidade, tanto pela situacionalidade e pela posicionalidade existencial quanto pelas representações e imagens socialmente construídas. Os estudos urbanos foram especialmente afetados, não apenas pelo reconhecimento da centralidade do corpo na própria forma e na experiência urbana (Sennett, 1997), como também pela importância da performatividade na constituição de identidades e territorialidades urbanas (Costa, 2020).

Nesse pequeno brevíário, a emergência das relações virtuais e o seu desdobramento nas chamadas redes virtuais foram o novo impulso decisivo e marcante dos estudos em torno da corporeidade. Afinal, desde o final dos anos 1990, a concepção trivial (incluindo algumas acadêmicas) acerca do ciberespaço buscou esvanecer a corporeidade e o ser-no-mundo,

Como citar este artigo
How to cite this article

Marandola Jr., E.; Bernardes, A.; Paula, F. C. Corporeidade, cidade e redes sociais virtuais. *Pós-Limiar*, v. 5, e226848, 2022. <https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a6818>

Recebido e aprovado em 8/9/2022.

defendendo o que alguns chamam de “eclipse do corpo”, como se as possibilidades telecomunicativas implicassem um recolhimento ou uma contração da corporeidade.

Nos últimos anos, no entanto, em especial no campo da comunicação (Santaella, 2004), tem havido a defesa da necessidade de compreensão da corporeidade nas relações mediadas pelas redes virtuais. O argumento diz respeito tanto às múltiplas formas pelas quais a corporeidade tem sido ressignificada nesse contexto quanto ao caráter irremissível da corporeidade, já que ela está para além da mera materialidade objetual. Trata-se, assim, de novas formas de se relacionar com o mundo, com o Outro e de compreensão do Si, atravessados, situados e projetados, na dinâmica ausência-presença pelas corporeidades (Bernardes, 2020).

Os movimentos socioculturais urbanos, por exemplo, propõem outras formas de sociabilidade que são possibilitadas pelas redes virtuais, provocando um duplo agenciamento do corpo nas redes e nas cidades. O prolongamento dessa corporeidade, bem como sua reverberação ou redefinição, projetam relações diacrônicas e/ou sincrônicas, as quais nos provocam a repensar o sentido do corpo e da cidade. Quais impactos e reverberações ocorrem nas formas de exposição, reconhecimento, identidade e diferença, seja pelo agenciamento dos corpos, seja por suas representações ou objetificação? Qual é o lugar do corpo nesse contexto?

Vale destacar que as discussões das relações entre corporeidade, cidade e redes virtuais ganham, ainda, novos contornos após o período mais drástico (2020-2021) da pandemia de Covid-19. Para essa doença altamente contagiosa, a primeira saída para a alta de casos e mortes foi, na maior parte do mundo, o confinamento. Com isso, o dia a dia das cidades, marcado pelos encontros, por situações corriqueiras de aglomeração, pela vivência de diferentes espaços públicos ou de espaços privados coletivos, foi alterado. As atividades presenciais foram interrompidas ou reformuladas para funcionarem a partir da mediação de ferramentas virtuais, com o objetivo de evitar a aglomeração de corpos-pessoas. Após confinamentos, muitas atividades, profissões, serviços e, conseqüentemente, diferentes lugares de cidades foram alterados em função dessa “passagem ao virtual”. Mas, se atentarmos ao imbricado jogo identitário, existencial, econômico e social da tríplice relação entre corporeidade, cidade e redes, a migração de atividades para os sistemas virtuais não se resume a um simples jogo de presença e ausência de corpos (objetivamente falando) em dado espaço: opressões, debates e insurgências se consubstanciam outramente, atravessados de forma ainda mais intensa agora pela dinâmica das redes virtuais.

Há muitas problemáticas que circundam esse temário. E é nesse sentido que os artigos que compõem o dossiê “Corporeidade, cidade e redes sociais virtuais” percorrem diferentes caminhos (inter)disciplinares por essas sendas, oferecendo-nos um cabedal de desafios como contribuição para enfrentamento dessas problemáticas em, pelo menos, três frentes: corporeidades, sexualidades e cidade; relações sociais nas redes virtuais; e reverberações da pandemia.

Quanto à primeira frente, Corporeidades, Sexualidades e Cidade, temos o artigo de Fernanda de Faria Viana Nogueira, “‘Eles não podem me proibir de existir aqui também’: gays entre a cidade e a internet em Campos dos Goytacazes-RJ”, o qual tem como escopo da discussão a corporeidade dos homens gays na cidade de Campos de Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, e como as relações virtuais são um importante meio para a construção de suas identidades que se fazem, também, por disputa de afetos, representatividades e tensões. Dessa forma, as relações virtuais, assim como as presenciais na cidade, são vividas como uma pulsante ambiguidade, ou seja, violentamente enclausurante, e como possibilidade de subversão, de refúgio. Esses diferentes tipos de relações se emaranham de tal modo que são eles que constituem a identidade gay.

Na segunda frente, temos cinco artigos, os quais expressam diferentes problemáticas do debate das Relações sociais nas redes virtuais.

O artigo de Clayton Policarpo, "Arte contemporânea, pós-digital, reconhecimento facial, tecnologia, vigilância", traz a discussão acerca das iniquidades no desenvolvimento e na promoção de tecnologias de imagem que privilegiam modelos da cultura hegemônica, o que pode levar à volatilização das narrativas e existências dissidentes. Para tanto, o autor apresenta essa discussão por meio de exemplos, considerando a forma de construção de imagens desde os anos 1940, com a calibragem das câmeras fotográficas, até os modelos para renderização de imagens baseados em algoritmos de inteligência artificial. Por outro lado, alguns trabalhos artísticos se apresentam como contraponto a essas ferramentas.

O texto de Antonio Bernardes, "Distanciamento e cancelamento: o que "nós" temos a ver com isso?", aborda o cancelamento e o distanciamento como experiências relacionadas às redes virtuais e como houve o aprofundamento de ambos no decorrer da pandemia ocasionada pela Covid-19, aproximando-se daquilo que Sartre (1997) denominou de indiferença. Para o autor, essas experiências estão imbricadas, não somente entre elas, mas também entre relações presenciais e virtuais. Para ilustrá-las, o autor utilizou como exemplo alguns casos que aconteceram no *reality show Big Brother Brasil 21*.

Um outro artigo dessa frente, intitulado "Não contavam com a minha astúcia": entre as guerras indiretas, as guerras híbridas e as políticas contenciosas nas redes sociais", foi redigido por José Sobreiro Filho e Emily Firmino Oliveira de Lima. Os autores entendem que, na contemporaneidade, vivenciamos novos formatos e gerações de guerras devido ao aporte de inovação e tecnologia. Elas são marcadas por incerteza, assimetria e não linearidade, apresentando características de um dos meios que se desenvolvem, as redes virtuais. Essas guerras, por terem estreita relação com o espaço, são denominadas de Guerras Híbridas. Tomando esse pressuposto como base interpretativa, os autores abordam de que modo essas guerras e o desenvolvimento das políticas contenciosas, por meio dos movimentos socioterritoriais de esquerda, podem apresentar caráter subversivo.

O artigo "#mulherescomconstantino: esquecimento e desordem em discursos sobre feminismo no *Twitter*", de Lia Gabriela Pagoto, Flávia Rubiane Durgante e Benhur Pinós da Costa, analisa os sentidos mobilizados pela #mulherescomconstantino, veiculada no *Twitter*, em 2020, relacionado ao vídeo do jornalista Rodrigo Constantino a respeito da audiência judicial envolvendo a influenciadora Mariana Ferrer. O texto utiliza elementos da análise do discurso e métodos de análise de redes sociais para compreender o deslocamento das posições sujeito-vítima e o uso da própria estrutura da plataforma para amplificar concepções distorcidas do movimento feminista.

Por fim, o artigo de Stephanie Ares Maldonado, "Traços comunitários que vencem a distância: experiência de união entre mulheres gordas", discute, ao contrário do que afirmam algumas abordagens acadêmicas acerca das redes sociais, como as relações virtuais podem promover uma empatia profunda, especificamente entre mulheres gordas, devido ao compartilhamento de relações e afeto. Como exemplo, a autora utiliza as motivações e as decorrências de uma experiência de união germinada em um grupo em uma rede virtual.

Na terceira frente, temos dois artigos que problematizam dois aspectos referentes às Reverberações da pandemia: o impacto no trabalho docente, via redes virtuais, e as transformações no habitar uma casa em rede.

Quanto ao primeiro, "Uma luta contra o tempo: o que nos aguarda no 'novo normal'?", de autoria de Felipe Costa Aguiar e Regina Célia Frigério, nota-se que o texto parte da seguinte indagação: como isso, tempo

vivido, é percebido na quarentena presente e esperançado num futuro “novo normal”? Nesse sentido, dialogaram com alguns professores da Educação Básica para interpretar de que modo o tempo tem sido vivido por eles, assim como os embates decorrentes disso, sobretudo com as escolas. Constatam que as instituições têm promovido o “novo normal”, que, segundo os autores, é uma ideia inautêntica de tempo e que carrega em seu bojo uma normalidade que confronta o modo como os professores doam sentido a esse termo.

Já o artigo “As náuseas da casa, habitando-em-rede”, de Tiago Rodrigues Moreira e Eduardo Marandola Jr., investiga como a experiência da pandemia nos lançou para uma nova experiência da casa, enquanto náusea em um habitar-em-rede. Nesse aspecto, os autores propõem realizar descrições nauseantes da casa, tendo como base quatro fundos existenciais, a saber: base, movimento, combate e acontecimento. A partir disso, encaminham o debate para a ideia de um reestranhamento da casa a partir de suas náuseas.

Como se pode notar, o conjunto dos artigos nos oferece perspectivas diversas em termos temáticos, teóricos e metodológicos, que esperamos ser fecundos para a ampla área interdisciplinar aqui apresentada.

Finalmente, cabe ressaltar que os artigos que compõem o dossiê foram originalmente apresentados nas edições de 2019 e de 2020 do “Encontro Redes Digitais e Culturas Ativistas”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (LIMIAR) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). A publicação do dossiê reforça a pertinência e a necessidade de reflexões sobre o tema, bem como seus desafios.

Agradecemos aos organizadores do evento, em especial à pessoa do Prof. Tarcisio Torres Silva e à equipe editorial da revista *Pós-Limiar*, com destaque na pessoa da Profa. Luísa Paraguai, pela oportunidade de tecer essas parcerias.

REFERÊNCIAS

- Bernardes, A. *Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais*. *Geograficidade*, v. 10, p. 203-215, 2020. número especial.
- Costa, B. P. “Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes. *Geograficidade*, v. 10, n. 2, p. 7-29, 2020.
- Dussel, E. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1977.
- Haraway, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.
- Murphy, A. V. Sexuality. In: Dreyfus, H. L.; Wrathall, M. A. (ed.). *A companion to phenomenology and existentialism*. London: Blackwell, 2006. p. 489-501.
- Santaella, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- Sartre, J.-P. *O ser e o nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Sennett, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.